

Inéditos de Raul Leal

Rui Lopo*

Palavras-chave

Raul Leal, Fernando Pessoa, Gabriele d'Annunzio, Mário Eloy e Alberto Cardoso, *Presença*.

Resumo

Apresentam-se neste dossier alguns textos inéditos ou pouco acessíveis de Raul Leal, encontrados no espólio de Fernando Pessoa, assim como as dedicatórias que Leal colocou nos livros que ofereceu ao seu Amigo. Entre estes textos conta-se um poema dedicado a Pessoa, um relato dedicado a d'Annunzio, uma experiência literária de tipo sugestivo e encantatório lavrada em folhas do Manicómio Bombarda e um longo ensaio metafísico redigido a propósito de uma exposição dos pintores Mário Eloy e Alberto Cardoso.

Incluiu-se ainda neste conjunto um artigo de Leal publicado na revista *Presença*, apresentado pelo autor como excerto de uma obra inédita dedicada a Pessoa *Fernando Pessoa, Precursor do Quinto Império*, e que haveria que tentar reconstituir.

Keywords

Raul Leal, Fernando Pessoa, Gabriele d'Annunzio, Mário Eloy e Alberto Cardoso, *Presença*.

Abstract

We present here some unpublished (or quite unknown) texts by Raul Leal, found in Pessoa's Archive, as well as some hand-written dedications on his books directed at Pessoa. In these files, we have a poem dedicated do Pessoa; a small memory of d'Annunzio; a very enchanting literary experiment written on sheets of the Psychiatric Hospital Miguel Bombarda; and a long metaphysical essay concerning an art exhibition of Mário Eloy and Alberto Cardoso.

In these files, we also found an article published in *Presença*, presented by the author as an excerpt of a project dedicated do Pessoa, *Fernando Pessoa, Precursor do Quinto Império*. We hope that one day we would able to reconstruct this project based on this and other fragments.

* Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

A História do *Orpheu* não estará completa sem a consideração atenta do contributo (não só literário) de Raul Leal, que é mais conhecido pela polémica com os estudantes de Lisboa a propósito da defesa de António Botto, publicado por Fernando Pessoa na sua editora Olisipo, e a subsequente edição de *Sodoma Divinizada*, mas que é prolixo autor de ensaios filosóficos, novelas, poesias (quase todas em francês) e diversos artigos de crítica literária e cultural de importância ainda por aferir.

Neste sentido, iniciamos nesta secção documental a publicação de alguns materiais de Raul Leal, quase todos encontrados no espólio de Fernando Pessoa, antecipando desde já que preparamos uma sua edição anotada mais sistemática e exaustiva, incluindo outros materiais lealinos directamente respeitantes a Fernando Pessoa, ao *Orpheu* e a outros projectos comuns ao grupo¹.

Em primeiro lugar apresentamos neste dossier as imagens e transcrições das dedicatórias que Leal colocou nos exemplares dos seus livros oferecidos a Pessoa e consultados na sua biblioteca, hoje parcialmente disponível na Casa Fernando Pessoa.²

No caso da primeira obra editada em livro por Leal, *Liberdade Transcendente*, incluímos também alguns exemplos de sublinhados no livro, assim como de um acrescento autógrafo de Leal, que rasura a lista de obras do autor, constante do final do volume e a substitui por outra. A *Liberdade Transcendente* é um ensaio filosófico original, publicado em 1913 como prefácio à obra de João Antunes *Hipnologia Transcendental* e que conheceu também edição especial, em separata, cuja capa aqui se reproduz (cf. Fig. 1). Tem na dita biblioteca, a cota CFP 1-87. A sua dedicatória é a que se segue (cf. Fig. 2):

*Ao Fernando Pessôa, Espírito cheio de
Belêza, of. êste livro
Raúl Leal
pâra
lhe provár uma grande simpatia*

Apresentamos também a reprodução da referida lista de Obras manuscrita, que consta do final do volume, que corrige a que vem impressa na página anterior e que nos surge rasurada por Leal (cf. Figs. 3 e 4):

*Óbras do autor:
Devaneios e Alucinações... (estúdos de literatúra e filosofia)
Eutérpe... (estudos de critica e estética musical)*

¹ Nas transcrições que aqui apresentamos não procedemos a qualquer actualização ortográfica nem a qualquer correcção, mesmo quando os desvios à norma então vigente são patentes, facto de que damos conta mais abaixo no texto.

² Queremos deixar aqui expresso o nosso agradecimento a Ana Maria Santos, da Casa Fernando Pessoa, pelo apoio prestado.

Esbôços d'álma... (artigos, cartas e estudos léves)
Primeiras tentativas d'úm pensadôr... (estudos filosóficos)
Aspiration Suprême...! Pièce en un acte et un prologue
Une bacchanale étrange... pièce en trois actes
Paixões etéreas... peça em três atos

Em preparação:

Raffinements passionnels... pièce en trois actes (tradução da peça "Paixões etéreas...")
À travers la Vie!... pièce em cinq actes
Prince de la Mort... Confessions d'Abdali
Le Vertige Transcendental (oeuvre philosophique)

Apesar de a dedicatória não vir datada, somos levados a crer que a oferta deste livro a Pessoa pelo autor se situará pouco depois da sua edição. O gosto por *listas* é muito cultivado por Leal (como por Pessoa, aliás) e temos encontrado diversas enumerações de projectos, os quais ou se perderam ou nunca chegaram a concretizar-se. Registe-se ainda o facto de Leal se querer assumir e impor como um autor de língua francesa, porventura por imaginar que a sua obra deveria dialogar necessariamente com os movimentos de vanguarda internacionais então actuantes. De facto, Leal irá redigir grande parte da sua obra poética em francês e corresponder-se com diversos autores europeus nessa língua (enviou os seus livros a Marinetti e a Gabriele d'Annunzio, como se verá abaixo).

Nesta lista não deixa também de ser curioso atentar no adjetivo "primeiras", no projecto de tentativas filosóficas do autor, mostrando como Leal se via como um pensador não só jovem, mas até precoce (em 1913 Leal faz 27 anos). A presença da crítica musical também não é ignorável. Na verdade, a primeira publicação de temática filosófica, onde as ideias fundamentais de Leal surgem explanadas, é justamente a pretexto de um concerto de Viana da Mota (Leal, 1909).

A segunda das dedicatórias surge no livro de poesia *Antéchrist et la gloire du Saint-Esprit*, de 1920 (Biblioteca da Casa Fernando Pessoa, cota 8-311) e tem o seguinte teor (cf. Figs. 5 e 6):

*Ao meu querido Fernando Pessoa,
 para o seu Espirito Altissimo
 de Pensador e Artista.*

Raul Leal.

Este é infelizmente o único volume de poesia (género quase sempre cultivado em francês) que o autor consegue publicar em vida. Conhecemos pelo menos mais duas obras poéticas que o autor só conseguiu divulgar publicando excertos em revistas, e que urgiria reconstituir. São elas os *Psaumes* e a *Messe Noire*, de que o autor foi divulgando fragmentos na sua correspondência e de que foram saindo trechos especialmente na revista *Presença*.

A terceira obra dedicada encontrada nesta biblioteca merece aqui poucos comentários, dado que tem sido mais estudada. Trata-se de *Sodoma Divinizada*, editada por Pessoa em 1923, (com a cota CFP 1-88) que tem a seguinte dedicatória (cf. Figs. 7 e 8):

*Ao meu querido Fernando Pessoa, para
o seu genio quasi divino*

Raul Leal

Apresentamos ainda neste dossier a transcrição de alguns textos autógrafos e dactiloscritos, da autoria de Raul Leal, encontrados no espólio de Pessoa, atestando a forte relação de amizade e partilha literária dos dois autores. O primeiro é um breve poema manuscrito, sem data, dedicado a Fernando Pessoa e que acompanha um recado pessoal, numa pequena folha com frente e verso (cf. Figs. 9 e 10). Este texto parece estatuir-se como uma dedicatória, que não encontrámos publicada em mais lado nenhum. Nele constam algumas das ideias fortes da escrita de Leal, a conjugação das imagens de paixão e crime, a repulsa pelo nascimento, e a apresentação de si como um abandonado e um incompreendido, um ser, de alguma forma, estranho a este mundo. Voltamos a encontrar estes tópicos não só na já conhecida correspondência de Leal, como na peça dramática *O Incompreendido*, escrita por estes mesmos anos, embora só tardiamente publicada, assim como na longa produção poética em língua francesa (especialmente nos *Psaumes*).

O segundo texto que apresentamos, um dactiloscrito, *L'homme aux favoris noirs*, versa sobre um reencontro com Gabriele d'Annunzio durante o período de permanência em Paris (cf. Figs. 11, 12 e 13). Apesar de o texto ser referente a uma memória dos tempos passados em França, em 1914, ele tem de ter sido redigido depois de 1920 (e presumivelmente, antes de 1935, por se encontrar no espólio de Pessoa) uma vez que, no último parágrafo, ele dá conta do envio a Gabriel d'Annunzio do seu livro *Antéchrist et la Gloire du Saint Esprit*, que foi editado em 20. Na bibliografia estabelecida por Pinharanda Gomes (1966) surge este mesmo título como publicado em 4-11-1948 no jornal *Ecos da Amadora*. Não lográmos todavia encontrar o referido jornal para proceder ao seu cotejo com esta peça, pelo que não podemos aqui afirmar que se trate do mesmo.

Neste dossier incluímos ainda a transcrição de um breve excerto de um outro conjunto de folhas manuscritas não datadas encontradas no espólio, um texto aparentemente truncado, bastante longo (e cuja paginação começa na página vinte e muitos) redigido em folhas oficiais ou de carta, com o cabeçalho do "Serviço da República" e timbradas com a chancela do Manicómio Bombarda, o que pode indicar uma passagem de Leal por esse hospital (hipótese que não conseguimos apurar) (cf. Figs. 14 e 15). O texto tem características que o aproximam de um exercício literário, apresentando desvios ortográficos algo

forçados e pouco verosímeis (por ex., a insistência nas consoantes mudas, mesmo quando elas não se aplicavam, nem na escrita comum do século 19 nem na raiz latina), o excesso de maiúsculas e uma acentuação extravagante, que ocorre também noutros documentos aqui reproduzidos e transcritos. Esta grafia parece intentar por um lado uma berrante abertura sonora, e por outro uma arcaização deliberadamente artificial e excessiva deste texto, que se torna assim quase ininteligível de tão exageradamente *visionário* e carregado de associações de imagens e ideias, que se diriam geradas por uma espécie de "automatismo psíquico", à maneira de um Ângelo de Lima, com quem tantas semelhanças assume. É verosímil que Leal pretendesse perturbar e desconcertar o leitor com estas *experiências* literárias como se lhe fosse necessário transgredir a sintaxe, a ortografia e a lógica (mesmo a arquitectura metafórica, alegórica ou simbólica da raiz mito-poética ocidental) para sugerir as suas próprias *experiências* interiores. Não é por acaso que Cesariny e outros surrealistas o vão considerar como um seu pioneiro. Quisemos neste dossier dar uma visão panorâmica dos documentos encontrados no espólio de Fernando Pessoa, reservando para ocasião oportuna a apresentação integral não só deste texto como do outro de que aqui oferecemos apenas um excerto introdutório, *La vision de deux artistes et la folie luxurieuse de Dieu. Appel aux jeunes gens à propos d'une exposition de peinture. Les salons de l'Illustration Portugaise viennent de s'ouvrir pour deux artistes: Albert Cardoso et Marius Eloy*³ (cf. Fig. 16 e 17). Trata-se de um longo ensaio, de dezoito páginas, redigido a propósito da exposição destes dois pintores no salão do jornal *O Século*, em 1924, onde se procede à confrontação das suas obras com as correntes estéticas em discussão na Europa de então a partir de critérios filosóficos criados pelo próprio Leal, os quais decorrem dos conceitos de *teometafísica*, *vertiginismo* e *Vazio-Abstracção*. Encontrámos ainda a referência a uma folha de jornal inteiramente impressa de ambos os lados intitulada *A visão de dois artistas e a luxuriosa loucura de Deus. Apelo às gerações novas a propósito duma exposição de pintura*, (da Imprensa Lucas & C.^a, [de Lisboa?], do mesmo ano de 1924, e que presumimos ser, parcialmente ou quanto ao conteúdo, de alguma forma coincidente com esta peça. Haveria que compilar toda a obra de crítica estética, musical ou pictórica, de Leal, para verificar de que modo ele utilizou esse registo específico como pretexto ou circunstância oportuna – no quadro do seu projecto de renovação metafísica e religiosa a partir da prática artística – para expor e desenvolver as suas próprias concepções filosóficas. Recorde-se que, Leal volta a escrever sobre Eloy, nessa década, nas páginas da *Presença* (Leal, 1928).

Para além destes materiais encontrados no espólio de Pessoa e compilados por Jerónimo Pizarro, a quem prestamos o nosso agradecimento pela colaboração

³ Este texto de 18 páginas manuscritas existia no espólio da família de Pessoa e consta do catálogo *The Fernando Pessoa Auction* (Lisboa: P4 Photography, 2008, lote n.º 34) [informação colhida em Pessoa, (2012)].

neste projecto de estudo, incluímos ainda neste dossier, com o mesmo espírito panorâmico e não exaustivo, um texto que Raul Leal publicou no número especial da revista *Presença* dedicado a Pessoa, em Julho de 1936, “Na Glória de Deus”, e que seria parte de uma obra nunca publicada, com o título de *Fernando Pessoa, Precursor do Quinto Império*, a qual estamos intentando reconstituir a partir de uma já considerável quantidade de materiais a si destinados (cf. Figs. 18 e 19).

Por último, incluímos uma lista já anteriormente publicada (Pessoa, 2009: 87) (Fig. 20), intitulada *Orpheu do Vigésimo Anno*, numerada de 1 a 5, cujos primeiros números se encontram em branco, sendo os últimos dois preenchidos pelos nomes de Ângelo de Lima e Raul Leal. O que seria o vigésimo ano? Provavelmente o ano de 1935, em que a revista *Orpheu* comemorava vinte anos do seu aparecimento. Saliente-se que este documento foi manuscrito por Fernando Pessoa; é só um anexo dos anexos.

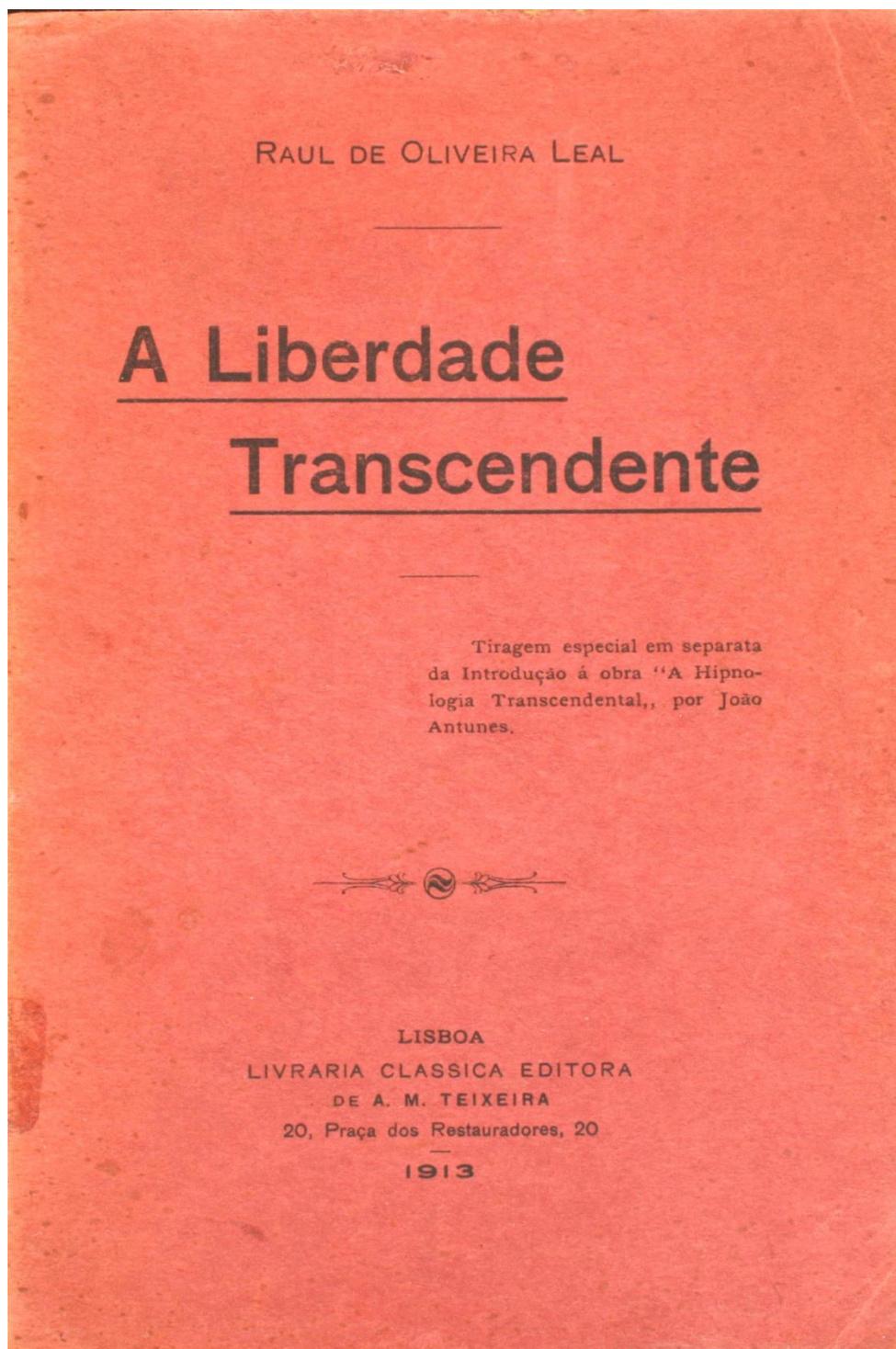


Fig. 1. Raul Leal, *A Liberdade Transcendente*, 1913. (Capa).

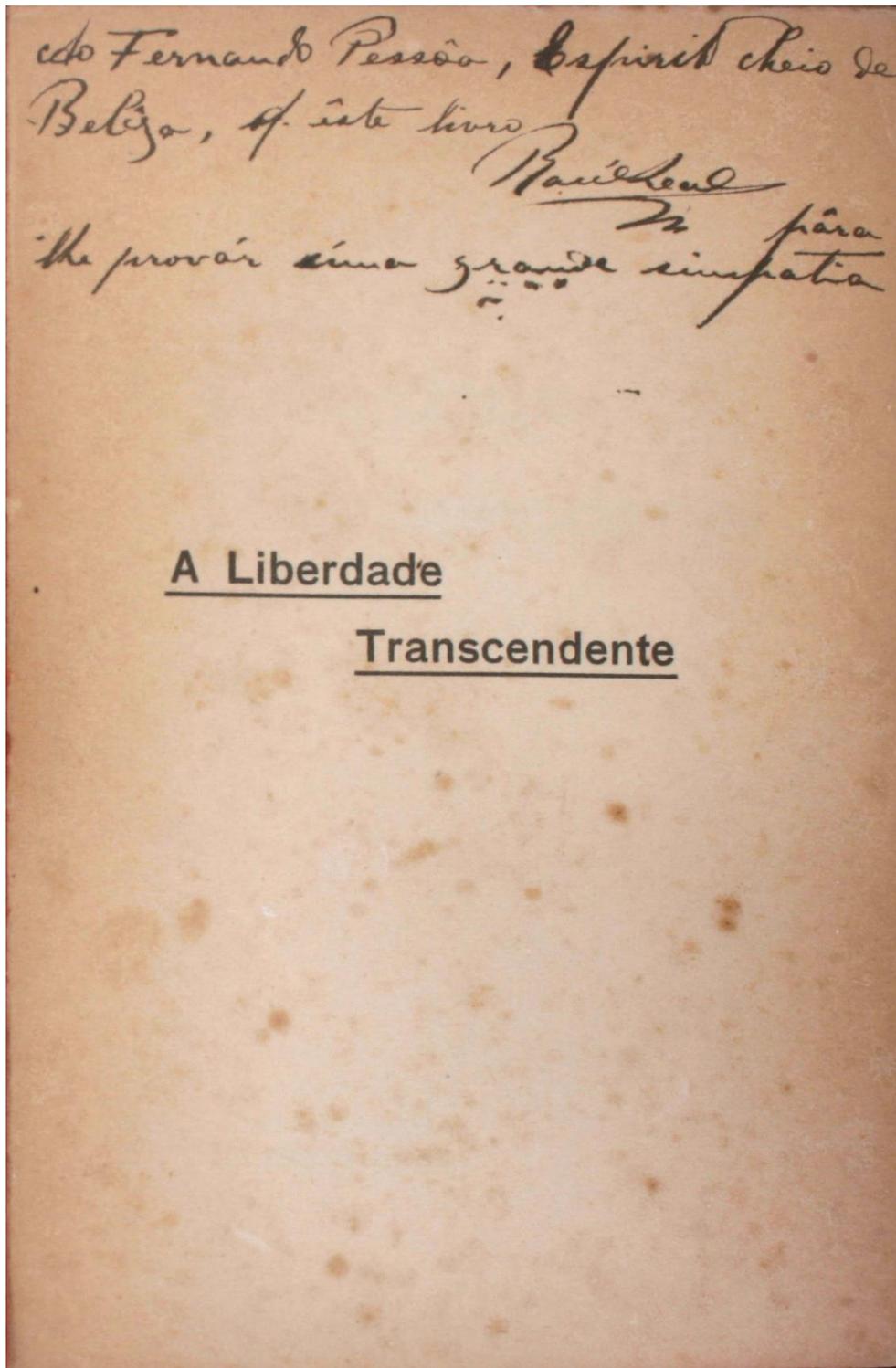


Fig. 2. Raul Leal, *A Liberdade Transcendente*. (Dedicatória.)

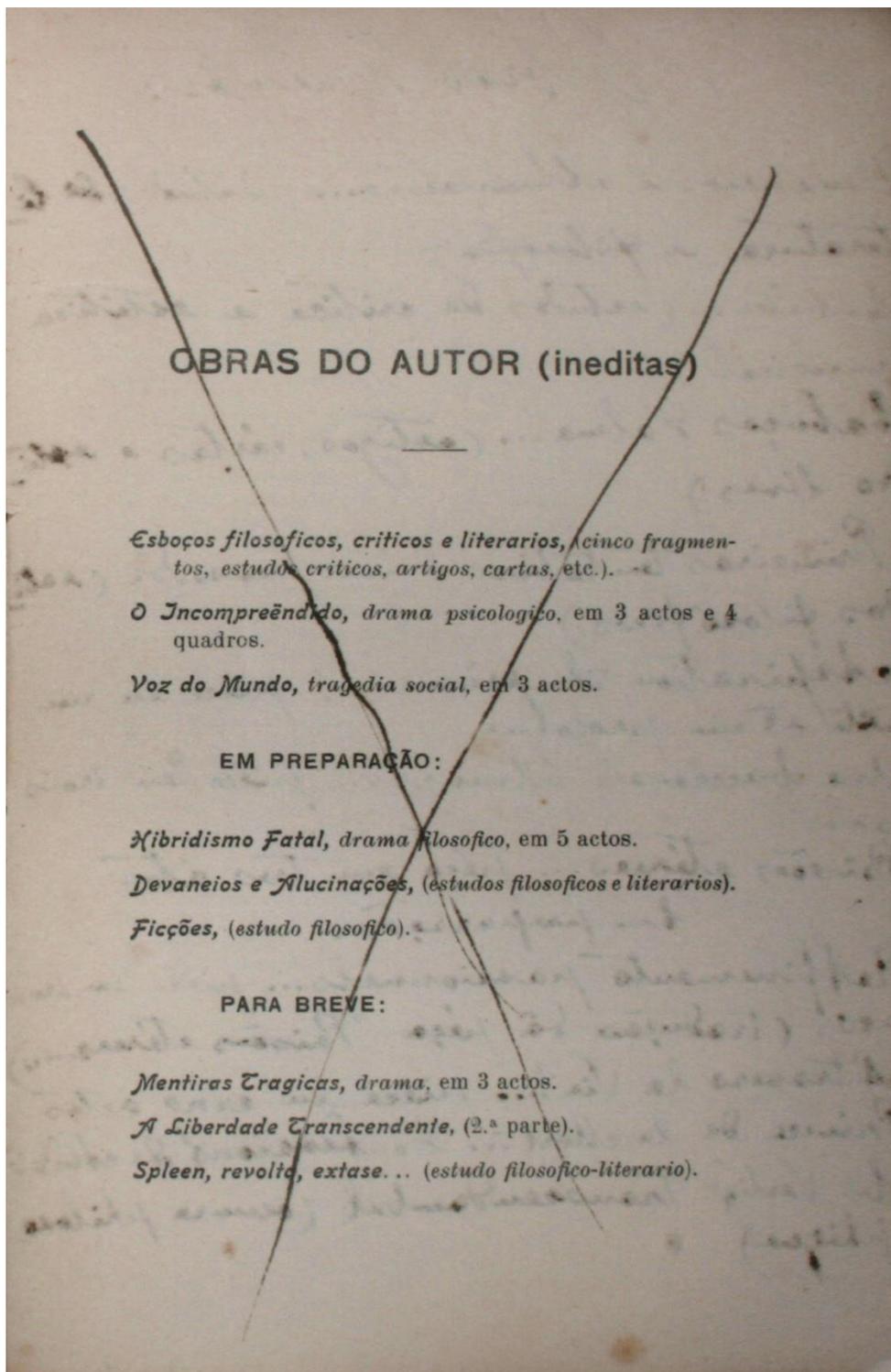


Fig. 3. Raul Leal, *A Liberdade Transcendente*, [p. 133]
(Obras do autor – impresso.)

Obras do autor:

Devaneios e Iluminações... (estudos de literatura e filosofia)

Entérpe... (estudos de crítica e estética musical)

Sabores d'álma... (artigos, cartas e estudos de livros)

Primeiras tentativas dum pensador (estudos filosóficos)

Aspiration Suprême...! pièce en un acte et un prologue

Une bacchanale étrange... pièce en trois actes

Prisons éternes... pièce en trois actes

em preparação:

Raffinement passionné... pièce en trois actes (tradução da peça "Prisons éternes...")

à travers la Vie!... pièce en cinq actes

Prince de la Mort... Confessions de l'abbé de Vertige transcendantal (œuvre philosophique)

Fig. 4. Raul Leal, *A Liberdade Transcendente* [p. 134]
(Obras do autor – manuscrito.)



Fig. 5. Raul Leal, *Antéchrist et la gloire du Saint-Esprit*, 1920. (Capa).

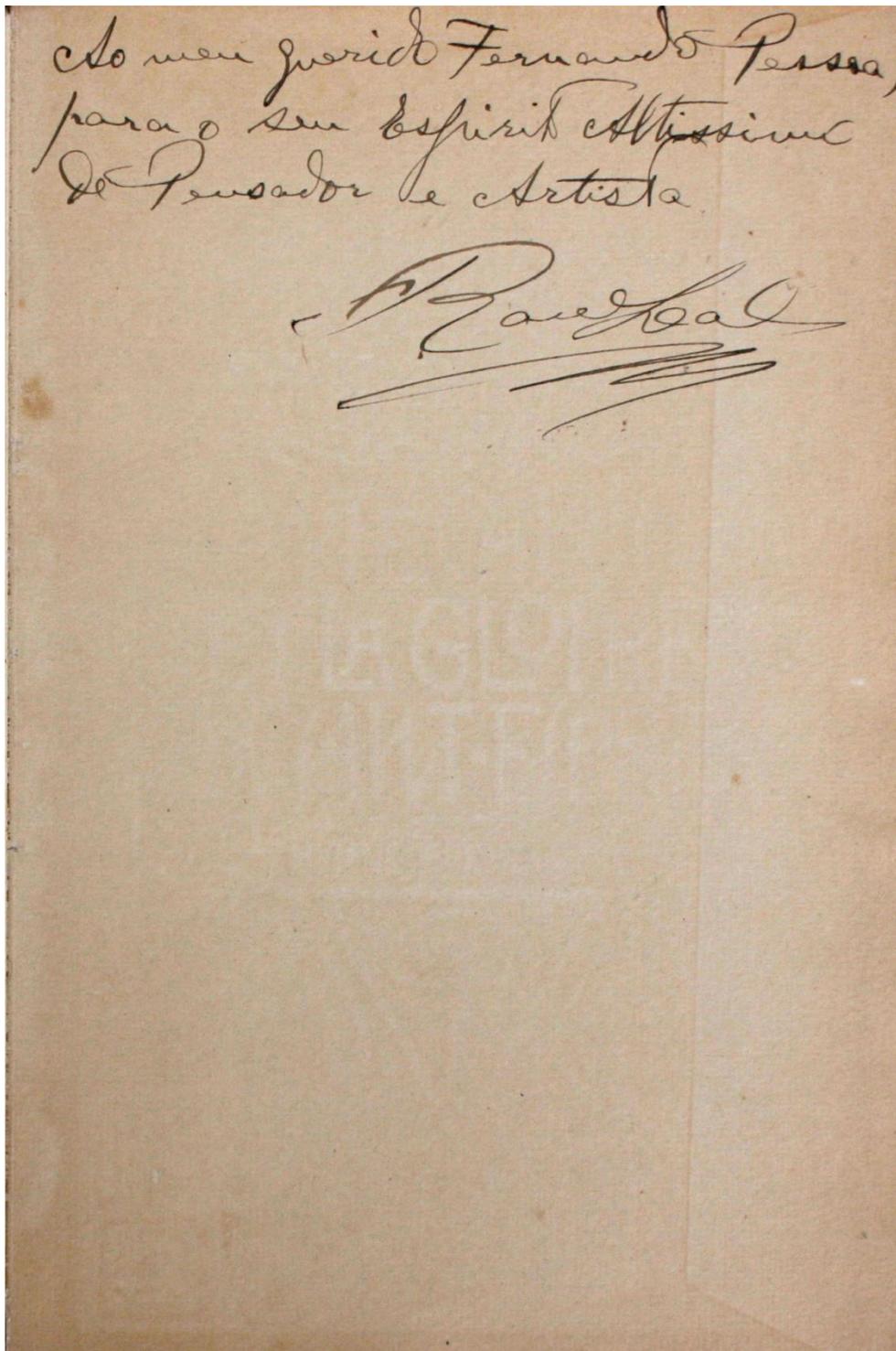


Fig. 6. Raul Leal, *Antéchrist et la gloire du Saint-Esprit*. (Dedicatória.)



Fig. 7. Raul Leal, *Sodoma Divinisada*. 1923. (Capa)

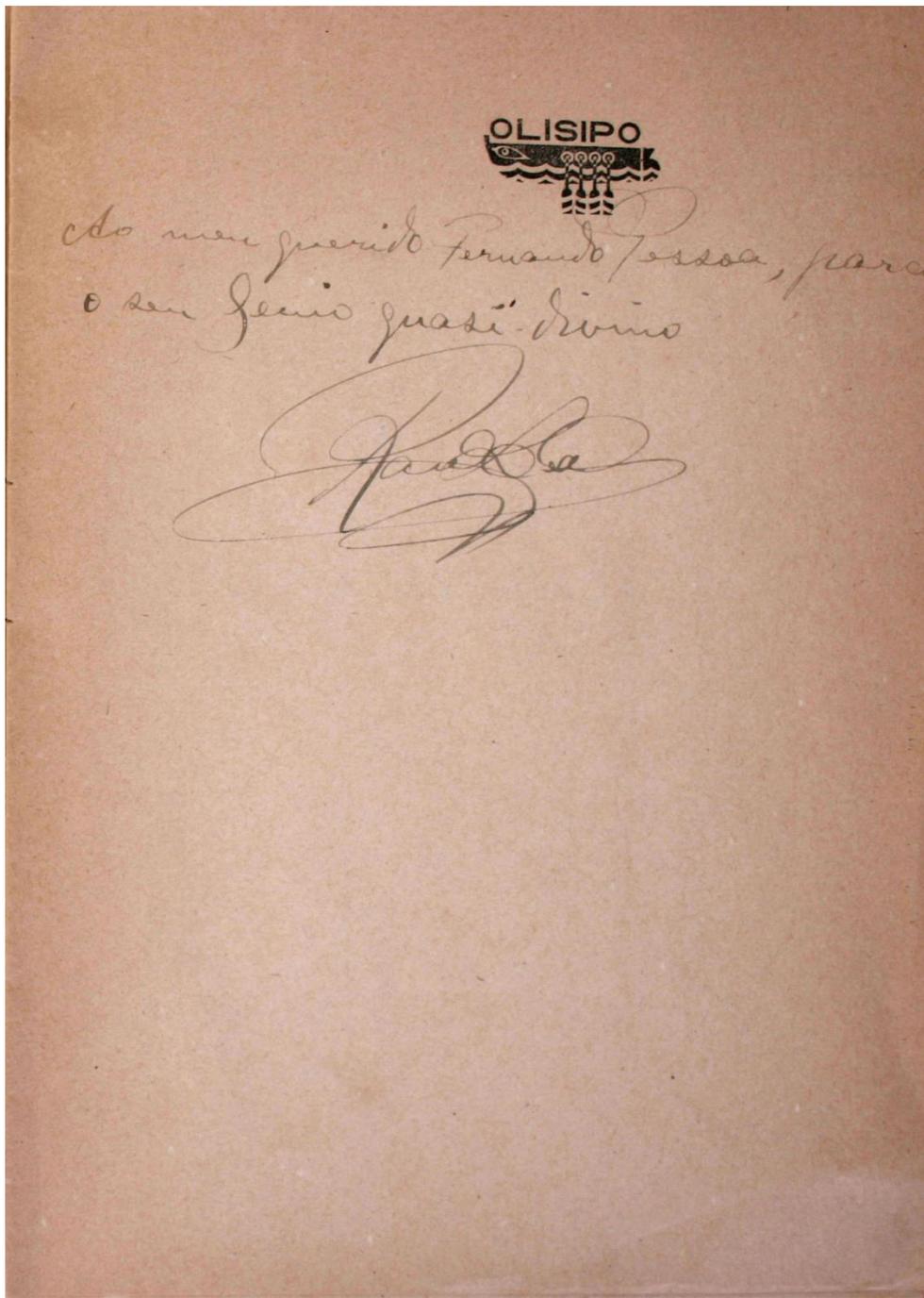


Fig. 8. Raul Leal, *Sodoma Divinisada*. (Dedicatória.)

Quem sou?
 Ao meu fidalgo amigo Fernando Pessoa
 Nasci de um beijo ardente e criminoso!
 Havia em quem o deu a ansiedade
 Que têm os velhos, a mocidade
 Fugia-lhe e com ela, a vida e gozo.
 Em quem o recebeu, o voluptuoso
 Enleio de donzela, e a ingenuidade
 Do mistério sagrado nessa idade
 Em que tudo sorri, tudo é formoso.
 Um dia... a flôr caiu e o zangão voou
 E, do seu cálice eu nasci sosinho,
 E assim fiquei, na terra, aonde estou

Quem sou?

Ao meu fidalgo amigo Fernando Pessoa

Nasci de um beijo ardente e criminoso:
 Havia em quem o deu a ansiedade
 Que têm os velhos, a mocidade
 Fugia-lhe e com ela, a vida e gozo.
 Em quem o recebeu, o voluptuoso
 Enleio de donzela, e a ingenuidade
 Do mistério sagrado nessa idade
 Em que tudo sorri, tudo é formoso.

Um dia... a flôr caiu e o zangão voou
 E, do seu cálice eu nasci sosinho,
 E assim fiquei, na terra, aonde estou

Abandonado e só sem ter um ninho
 Sem ter ninguém, sem ter amor, quem sou?
 Só o semen caído no caminho.
 Proseurei no da Consciência
 Cozido, quente do casil banquinho. Pinta
 Poeta e fale-lhe lo que eu lá dei

Abandonado e só sem ter um ninho
 Sem ter ninguém, sem ter amor, quem sou?
 Só o semen caído no caminho.

Figs. 9 e 10. Poema para Fernando Pessoa.

L'HOMME AUX FAVORIS NOIRS

se turbilhonantes

Foi no outono de 1913 que cheguei a Paris.

À hora crepuscular a atmosfera enchia-se então de um vermelho nublado e pardacento, como sangue de cadáveres apodrecidos, lugubres emanções nauseabundas da Grande Tragedia que as correntes impetuosas do Sena funebremente vomitam em noites outomnaes. A minha imaginação exaltada perdia-se nesse labirinto nevoento e tragico de Paris, visioando a cada passo crimes hediondos e soberbos, do mesmo modo que vícios sangrentos e infernaes, repassados de Mystério, repassados de Além.

E era envolvido em pompa, feita de sedas e de pelles raras, que eu me imaginava, sedento de luxuria perturbante e espiritual, errando pelas ruas sinistras viellas do Paris desconhecido, qual duque de Prénseuse opiado e delirante... Por isso, esbanjando perdidamente o ouro que me restava das minhas viagens de Sonho e Altura, no Charvel procurei as malhas de seda cara, os linhos finissimos, os pyjamas e chambrés de setim azul, que, envolvendo-me, carregados de perfumex, como a um principe de lenda, me imprimiam voluptuosidades extranhas, ansias inquietantes de noctivago elegante e sombrio. No celebre Debaker e na casa Cumberland, onde se vestem os primeiros actores de Paris, eu cobri-me de tecidos lindissimos e opulentos, que os perfumes de Coty ainda mais impressionantes tornavam.

Usava eu então espessos favoritos á Francisco José, que, dando-me o aspecto brilhante d'um moço grão duque, provocavam os olhares cheios de curiosidade do mundo elegante de Paris, que vivamente se impressionava com a minha physionomia extranha e bella, onde quer que eu me encontrasse.

O luxo louco e as requintadas aventuras de amor e vicio acabaram por me arruinar no curto espaço de dois meses, e então, preocupado com a critica situação que eu proprio estava creando, resolvi vir a Lisboa, por volta do Natal, na esperança de encontrar ainda uma gota capaz de satisfazer os meus caprichos de principe decadente e luxurioso. Aqui estive uns dias inuteis, nada tendo conseguido.

Um reviravolta brusca se dá pois no meu espirito, e, enchendo-me de um novo entusiasmo juvenil, resolvi heroicamente regressar de qualquer forma a Paris, ~~na intenção de~~ trocar ~~as~~ as sedas do Charvel e os perfumes de Coty pela grosseira blusa do operario e pelo cheiro acre e masculino da hulha incendiada das fabricas ou officinas. Decidia-me a isso sobretudo porque me queria tornar nos meias fabris um propagandista revolucionario pare quem o ideal monarchico era apenas o primeiro passo, a ponte magica, de uma anarchia pura, feita só de espirito, liberto das paixões da vida que opprimem e esmagam, indo de encontro aos altos principios de um libertario divino. E a minha propaganda teria principalmente por fim mostrar ao povo que as liberdades exteriores nada são se não houver, antes de tudo, liberdade de alma, expressa na maior nobreza espiritual que o Rei providoriammente pode imprimir em nos, expressa emfim no esmaga-

Fig. 11. L'Homme aux Favoris Noirs (1)

L'Homme aux Favoris Noirs - (2)

mento total das paixões plebeias, anímas, que aviltam, despersonalizam, oprimindo esmagadoramente o Eu.

Não consegui realizar este bello ideal de um anarchista puro, mas consegui ao menos voltar a Paris, levando comigo apenas cem francos no bolso e um bilhete da Opera, já adquirido anteriormente, para a primeira representação do Parsifal, que se realizou no principio/de 1914.

/de Janeiro

Quando eu, até essa noite memoravel, em que pela primeira vez a obra prima de Wagner sahiria do templo majestoso de Bayreuth, despedir-me berrantemente da vida elegante e requintada de Paris, começando logo em seguida a nova vida de energia e trabalho. Para isso tinha que me hospedar por uns dias num dos melhores hotéis da capital do mundo, e, como o dinheiro que trazia de Lisboa não me permitiria que fôsse para o Bristol, para o Ritz, ou mesmo para o Maurice, resolvi hospedar-me então no Hotel Terminus, da Gare St. Lazare, considerado a casa de passe mais chic de Paris. E, com effeito, nota-se nelle um ~~xxxxxxx~~ va-e-vem constante de cortezãs elegantissimas e financeiros opulentos. Aliás nelle se hospedava sempre o velho Conde de Burnay.

Foi pois ahí que aguardei a noite memoravel do Parsifal, que seria a ultima da minha vida de mundano e voluptuoso. Mas então já me encontrava exausto de recursos, e fui á Opera, envolvido na minha linda capa 1830 que o Debaker tinha talhado para mim, trazendo apenas no bolso dois ou tres francos em prata, que deixei no vestuario.

Como a grande criação de Wagner é extensissima e fatigante para naturezas superficiaes, o espectáculo começou muito cedo e os intervallos duravam mais de uma hora, para que se pudesse jantar no proprio bufette da Opera, transformado em restaurant luxuosissimo. Para mim, que tinha apenas dois ou tres francos, isto era impossivel, e então enchi-me de raiva e de angustia por tão incompleta ser a minha ultima noite de requintado mundano. Evdquei em seguida a figura prodigiosa de Wagner, que tantas misérias soffreu, tendo sido apodado de louco e imbecil; pelo que se apoderou de mim uma revolta torrencial feita de orgulho e odio perante a visão horrorosa do destino tragico e sinistro dos genios.

Foi nesse instante de suprema altivez que Gabriel d'Annunzio, saltitando e contorcendo-se em gestos de ridiculo arlequin, se sentiu vivamente impressionado pelo meu porte majestoso de principe astral; e, por entre criticas irritantes ao Genio que a grande Opera imperfeitamente estava consagrando, o futuro heroe bulesco de Piuma, que talvez es-tivesse preferindo Offenbach, permittiu-se olhar-me escandalosamente de alto a baixo como a um objecto raro, perdido num museu de provincia, em terra estrangeira. Perante essa impertinencia o meu orgulho explodiu então vivamente, e, com o olhar brilhante de colera, sobranceiramente o fixei, envolvendo-o no meu desprezo arrogante de gran senhor como num torvelinho que esmigalha e aniquila para sempre.

.....
Passados annos, quando publiquei o meu hymno-poema

Fig. 12. L'Homme aux Favoris Noirs (2)

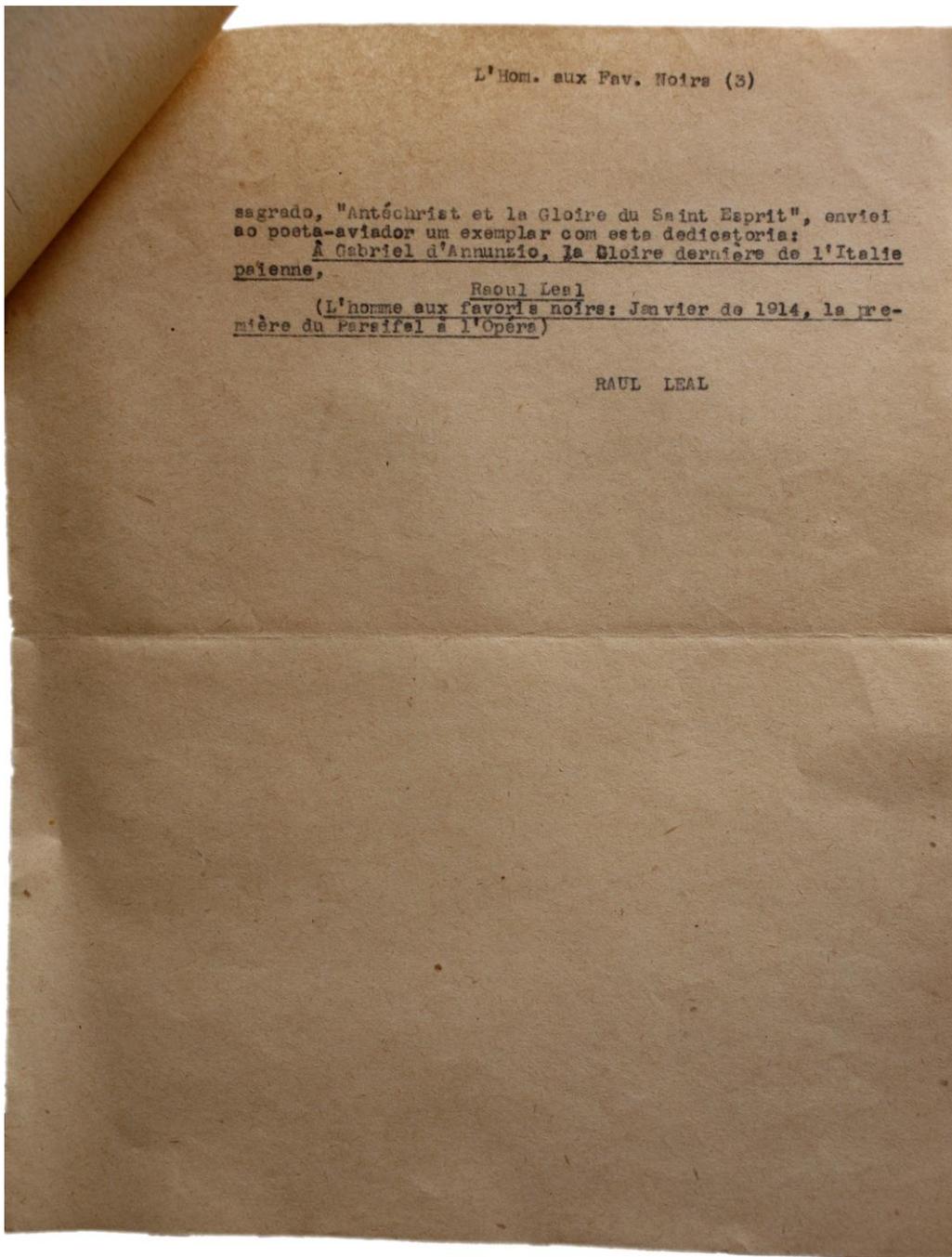


Fig. 13. *L'Homme aux Favoris Noirs (3)*

L'Homme aux Favoris Noirs

Foi no outomno de 1913 que cheguei a Paris.

Á hora crepuscular a atmosphaera enchia-se então de um vermelho nubloso e pardacento, como sangue de cadaveres apodrecidos, lúgubres emanações nauseabundas da Grande Tragedia que as correntes impetuosas e turbilhonantes do Sena funebremente vomitam em noites outomnaes. A minha imaginação exaltada perdia-se nesse labyrintho nevoento e trágico de Paris, visionando a cada passo crimes hediondos e soberbos, do mesmo modo que vícios sangrentos e infernaes, repassados de Mysterio, repassados de Além.

E era envolvido em pompa, feita de sedas e de pelles raras, que eu me imaginava, sedento de luxúria perturbante e espiritual, errando pelas mais sinistras viellas do Paris desconhecido, qual duque de Fréneuse opiado e delirante...

Por isso, esbanjando perdidamente o ouro que me restava das minhas viagens de Sonho e Altura, no Charvel procurei as malhas de seda cara, os linhos finíssimos, os pyjamas e chambres de setim azul, que, envolvendo-me, carregados de perfume, como a um principe de lenda, me imprimiam voluptuosidades extranhas, ansias inquietantes de noctivago elegante e sombrio. No celebre Debaker e na casa Cumberland, onde se vestem os primeiros actores de Paris, eu cobri-me de tecidos lindissimos e opulentos, que os perfumes de Coty ainda mais impressionantes tornavam.

Usava eu então espessos favoritos á Francisco José, que, dando-me o aspecto brilhante d'um moço grão duque, provocavam os olhares cheios de curiosidade do mundo elegante de Paris, que vivamente se impressionava com a minha physiognomia extranha e bella, onde quer que eu me encontrasse.

O luxo louco e as requintadas aventuras de amor e vicio acabaram por me arruinar no curto espaço de dois meses, e então, preocupado com a critica situação que eu próprio estava creando, resolvi vir a Lisboa, por volta do Natal, na esperança de encontrar ainda um agiota capaz de satisfazer os meus caprichos de principe decadente e luxurioso. Aqui estive uns dias inuteis, nada tendo conseguido.

Uma reviravolta brusca se dá pois no meu espirito, e, enchendo-me de um novo entusiasmo juvenil, resolvi heroicamente regressar de qualquer fórma a Paris, na intenção de trocar ahi as sedas do Charvel e os perfumes de Coty pela grosseira blusa do operario e pelo cheiro acre e masculino da hulha incendiada das fabricas ou officinas. Decidia-me a isso sobretudo porque me queria tornar nos meios fabris um propagandista revolucionario para quem o ideal monarchico era apenas o primeiro passo, e ponte magica, de uma anarchia pura, feita só de espirito, liberto das paixões da vida que opprimem e esmagam, indo de encontro aos altos principios de um libertario divino. E a minha propaganda teria

principalmente por fim mostrar ao povo que as liberdades exteriores nada são se não houver, antes de tudo, liberdade de alma, expressa na maior nobreza espiritual que o Rei provisoriamente pode imprimir em nós, expressa emfim no esmagamento total das paixões plebeias, animaes, que aviltam, despersonalizam, opprimindo esmagadoramente o Eu.

Não consegui realizar este bello ideal de um anarchista puro, mas consegui ao menos voltar a Paris, levando commigo apenas cem francos no bolso e um bilhete da Opera, já adquirido anteriormente, para a primeira representação do Parsifal, que se realizou no principio de Janeiro de 1914.

Queria eu, até essa noite memoravel, em que pela primeira vez a obra prima de Wagner sahiria do templo majestoso de Bayreuth, despedir-me berrantemente da vida elegante e requintada de Paris, começando logo em seguida a nova vida de energia e trabalho. Para isso tinha que me hospedar por uns dias num dos melhores hotéis da capital do mundo, e, como o dinheiro que trazia de Lisboa não me permittiria que fosse para o Bristol, para o Ritz, ou mesmo para o Maurice, resolvi hospedar-me então no Hotel Terminus, da Gare St. Lazare, considerado a casa de passe mais chic de Paris. E, com effeito, nota-se nelle um vae-vem constante de cortezãs elegantissimas e financeiros opulentos. Aliás nelle se hospedava sempre o velho Conde de Burnay.

Foi pois ahi que aguardei a noite memoravel do Parsifal, que seria a última da minha vida de mundano e voluptuoso. Mas então já me encontrava exausto de recursos, e fui á Opera, involvido na minha linda capa 1830 que o Debaker tinha talhado para mim, trazendo apenas no bolso dois ou trez francos em prata, que deixei no vestiario.

Como a grande criação de Wagner é extensissima e fatigante para naturezas superficiaes, o espectáculo começou muito cedo e os intervallos duravam mais de uma hora, para que se pudesse jantar no proprio bufette da Opera, transformado em restaurant luxuosissimo. Para mim, que tinha apenas dois ou três francos, isto era impossivel, e então enchi-me de raiva e de angustia por tão incompleta ser a minha ultima noite de requintado mundano. Evoquei em seguida a figura prodigiosa de Wagner, que tantas miserias soffreu, tendo sido apodado de louco e imbecil; pelo que se apoderou de mim uma revolta torrencial feita de orgulho e odio perante a visão horrorosa do destino tragico e sinistro dos genios.

Foi nesse instante de suprema altivez que Gabriel d'Annunzio, saltitando e contorcendo-se em gestos de ridiculo arlequim, se sentiu vivamente impressionado pelo meu porte majestoso de principe astral; e, por entre criticas irritantes ao Genio que a Grande Opera imperfeitamente estava consagrando, o futuro heroe burlesco de Fiume, que talvez estivesse preferindo Offenbach, permittiu-se olhar-me escandalosamente de alto a baixo como a um objecto raro, perdido num museu de provincia, em terra estrangeira. Perante essa impertinência o meu orgulho explodiu então vivamente, e, com o olhar brilhante de colera, sobranceiramente o

fixei, envolvendo-o no meu desprezo arrogante de gran senhor como num torvelinho que esmigalha e aniquila para sempre.

.....

Passados anos, quando publiquei o meu hymno-poema sagrado “Antéchrist et la Gloire du Saint Esprit”, enviei ao poeta-aviador um exemplar com esta dedicatória:

À Gabriel d’Annunzio, la Gloire dernière de l’Italie paienne,

Raoul Leal

(L’homme aux favoris noirs: Janvier de 1914, la première du Parsifal à l’Opéra)

RAUL LEAL

27#

Qual-Or

Circula a Funccao do Cosmos, cuja eseci-
 - onacao Positiva Definida Terhamos Desenvol-
 - vida na Tradicao Cientifica, como Espiri-
 - mentalista, ~~do~~ e Inspirados, nas ~~At~~ Inguencias
 da Sua Maior Intelligencia ~~Pontificica~~ Sapian-
 - timinos Pontifices Observadores das Ziguas
 Sabias... - para a Conclusao da Phylosophia,
 - Maior que ~~da~~ de Ghana, e ~~ainda~~ Mais Santa
 e Melhor que ~~da~~ de Benares, Cujas Biblias
 e Sermoes entresourem os herdeiros da
 Sabedoria dos ~~Antigos~~ Symbaes, ~~na~~ Ulti-
 - mas Thebaidas Syriacas dos Conventos
 por quasi Inaccessiveis do Monte
 Athos!

- E de, Sabios, Meditantes e Observam
 em Torres Astronomicas, - ou de, Reis
 Gloriosos, Paradeam Faustuosos Corteges
 Resplendentes Sob Porticos Altos e Dou-
 - rados, Fulgentes a Outros Soes, por Ou-
 - tros Mundos... - ou de, Torso Collean-
 - tes de Animales Primitivos, Cardume-
 - tam em os Lagos Bethumes dos Mares
 Lamacentos das Epochas Primarias, Sob
 o Resplendente Vulcao da Atmosphera
 de Ines Taes Outros Soes... - Como a
 Onda da Saga em Relacao, atravez

Fig. 14. Excerto de texto encontrado incompleto e de título desconhecido redigido em folhas do Manicómio Bombarda

28

do Intermundio, entre os Corpos astraes,
 - o Magnetismo, Creio, n'uma Sua Complexa
 que Chamo Per-Magneta... Ene - ~~no~~ - ~~no~~ - ~~no~~ -
 - L' O Dirá... na Sua Ondulação sôbre
 Aquella Retina Disposta Comprehe-
 - ra em Magneta Placa...
 - Como, em Seu Magnetismo, Doua
 a Terra, Casulo da Omphalida Vestal, na
 Sua Forma de Ovo - como a Esthetica
 Estranha do Vivente que Contem o
 Seu Corpo na Função d'Aquella Pro-
 - gressão que abrange as Três Espheras,
 - com Passado e Futuro, do Estado Pre-
 - sente Principal, que domine Confuga
 - se de o Termo de Minimo Raiz Anterior,
 - ao Maximo Ultimate, n'uma Tal Pro-
 - gressão, de Passos como os Três... - Prova-
 - velmente até Puro-Magnete, Simples Foco
 de ~~for~~ - Fôrça - como é que ~~contem~~
 como Alus se Resolve em Todo o Or-
 - gas - já liberta o Seu Deio Mais Intime
 - o Palacio do Seu Lume Transcendente das
 Sombras da Materia Duvidosa ~~de~~ Puro...
 - Volvendo ~~contem~~ na Palpitacão
 que ~~se~~ em que, dystematizando, ~~se~~ - Erecta
 Positiva, ou Mais Feitada em ~~di~~, Horizon
 - tal - a Relectre Metheora Clinica -

Fig. 15. Excerto (Continuação)

Transcrição de um excerto (E se, sabios, medictam...)

[...]

– E se, sabios, medictam e observam em Torres Astronomicas... – ou se, Reis Gloriosos, paradeam Faustosos Cortejos Resplendentes sôb Porticos Altos e Dourados, Fulgentes a Outros Soes, por outros mundos... – ou se, Torsos Coleantes de Animaes Primictivos cardumeiam em os lagos Bethumes dos Mares Lamacentos das Epochas Primarias, sôb o Esplendente Vulcão da Athmosphera de êsses taes Outros Soes... – como a Onda da Vaga em Relação, através [28] do Intermundo, entre os Corpos Astraes – o Magnetismo – creio – n’Essa Sua complexa que chamo a Per-Magneta ... Êsse n’O-I’O dirá... na sua ondulação sôbre Aquella Retina Disposta Compreensôra em Magnetica Placa...

– Como, em sêu magnetismo, Doura a Terra, Casulo da Chrysalida vestal, na sua Forma de Ôvo – como a Esthetica Extranha do Vivente que contem o sêu Corpo na Função daquela Progressão que abrange as Trêz Esferas com Passado e Fucturo, do Estado Presente Principal, que domine conjuga desde o Têrmo de Minimo Raiz Anterior, ao Maximo Ultimante, n’uma Tal Progressão, de Rasão como os Trêz... – provavelmente até Puro-Magnete, Simples Foco de Fôrça – como é que – enternecida como Alma se resolve em Todo o Orgão – já liberto o sêu Seio Mais Intimo – Palacio do sêu Lume Transcendente das Sombras da Materia Duvidosa – Puro Ar...

[...]

1

La vision de deux artistes et la folie luxurieuse de Dieu
appel aux jeunes gens à propos d'une exposition de peinture

Les salons de l'illustration Portugaise viennent de s'ouvrir pour deux artistes: Albert Cardoso et Charles Day.

Le peintre Albert Cardoso que le public connaît déjà, est une rare sensibilité qui sait très bien combiner l'esprit de l'art européen et l'âme portugaise. Sa vie ^{la vie} pour cet artiste se développe comme un magnifique de soi-même, un décor merveilleux qu'elle, seule, utilise et vit. Il ne s'agit pas d'éléments décoratifs de quelques choses qui ne soient ^{plus que} éléments décoratifs; eux-mêmes bien-ci ne se développent pas pour un extérieur, ^{mais} seulement pour eux-mêmes et alors il s'agit bien d'un décor absolu, d'un décor en soi et qui n'est destiné que pour soi-même.

C'est comme ^{ça} que Albert Cardoso vit la vie. Quelques impressionistes étrangers ^{dans les pays} ont inspiré ^{notre artiste} ^{de même} la vie comme un décor pur, une robe de parade ^{qui} surgit en abstrait et ^{se développe} ^{en} ^{vide} ^{abstraction}. Cependant ces impressions ^{décoratives} qui forment ^{la} ^{vie}, ^{selon} ^{leur} ^{vision} ne possèdent ^{pas} ^{de} ^{substance} ^{interne}, n'ont pas de substance, ne sont que de l'éther pur. De la puissante décoration vitale créée par Albert Cardoso bien qu'elle ne possède pas une substance très profonde et profondément animique, a pourtant une véritable substance et avec une vibrante essence animique. Selon les impressionistes étrangers il n'y a pas le moindre animisme intérieur dans les impressions de la vie, elles ne sont donc que des vibrations de l'éther ^{qui est} d'une nature purement physique. Et c'est parce

Fig. 16. La vision de deux artistes et la folie luxurieuse de Dieu. Appel aux jeunes gens à propos d'une exposition de peinture.

2

qu'elles sont physiques qu'elles ne possèdent pas presque un intérieur, ne possédant jamais de substance propre: tout ce qui est d'une nature physique n'a pas de substance, n'est que vide pur, le grand vide de la dynamique et non pas proprement animique civilisation moderne.

Albert Carbone est un peintre portugais et alors il ne pourrait jamais vivre la vie sans substance animique, sans l'âme pour la consubstancer intérieurement. De cette façon, ~~sa~~ ^{bien que} la vie ~~est~~ ^{soit} pour l'artiste un décor pur, elle ne laisse pas pour cela d'être un décor essentiellement animé, n'ayant pas donc seulement une nature toute physique. Ce qui ^{constitue} pour les étrangers ~~des impressions~~ ^{des impressions} s'étranges sans substance, pour le peintre Albert Carbone constitue vraiment des impressions animiques avec une vague essence, alors spirituelle. Et pourtant je ne veux pas dire ^{par cela} que l'artiste que je cherche étudier, ne vive pas une décoration souvent brutale dans la vie puisque, de fait, la spiritualité, au lieu de ~~le~~ l'amoindrir le brutalisme, l'accroît même puissamment. Sans elle, le brutalisme ~~sera~~ ^{sera} si superficiel qu'il surgira ~~tout~~ ^{quelques} tout impuissant, tout faux comme s'il n'était que celui de ~~nombre~~ ^{nombre} déchirés. Il faut l'animisme pour que la brutalité, en se nourrissant de lui, venant ^{de} de l'intérieur, de l'essence des choses, puisse totalement s'emplier de cette force intérieure qui la fait devenir magnifiquement explosive. C'est pour cela que les natures les plus profondément mystiques, spirituelles, animiques, ~~sont~~ ^{sont} ~~les~~ ^{les} celles qui possèdent ~~la~~ ^{la} plus pure, la plus intense, la plus profonde et convulsive sensualité. La chair, en elles, est l'explosive manifestation bestiale de l'esprit. Sans celui-ci, il man-

Fig. 17. La vision de deux artistes et la folie luxurieuse de Dieu. Appel aux jeunes gens à propos d'une exposition de peinture.

La vision de deux artistes et la folie luxurieuse de Dieu. Appel aux jeunes gens à propos d'une exposition de peinture

[Transcrição do excerto inicial]

Les salons de *L'Illustration Portugaise* viennent de s'ouvrir pour deux artistes: *Albert Cardoso* et *Marius Eloy*.

Le peintre *Albert Cardoso* que le public connaît déjà, est une rare sensibilité qui sait très bien combiner l'esprit de l'art européenne et l'âme portugaise. Pour cet artiste la vie se développe comme un magnifique de soi-même, un décor merveilleux qu'elle, seule, utilise et vit. Il ne s'agit pas d'éléments décoratifs de quelques choses qui soient plus que ces éléments décoratifs: Ceux-ci ne se développent pas pour un extérieur quelconque, mais seulement pour eux-mêmes et alors il s'agit bien d'un décor absolu, d'un décor *en soi* et qui n'est destiné que pour soi-même. C'est comme ça que *Albert Cardoso* visionne la Vie.

Quelques impressionnistes étrangers dans lesquels, d'ailleurs, notre artiste s'est inspiré, sentent de même la Vie comme un décor pur, une robe de parade qui surgit en abstrait et qui se développe donc toute suspendue en pur Vide-Abstraction. Cependant ces impressions décoratives qui forment pour eux la Vie, ne possèdent pas plus que son véritable intérieur, n'ont pas de substance, ne sont que de l'éther pur. Or, la puissante décoration vitale vécue par *Albert Cardoso* bien qu'elle ne possède pas une substance très profonde et profondément animique, a pourtant une véritable substance, avec une vibrante essence animique. Selon les impressionnistes étrangers il n'y a pas la moindre animisme intérieur dans les impressions de la Vie, elles ne seront donc que des vibrations de l'éther qui est d'une nature purement physique. Et c'est parce qu'elles sont physiques qu'elles ne possèdent pas presque un intérieur, ne possédant jamais de substance propre: tout ce qui est d'une nature physique n'a pas de substance, n'est que vide pur, le Grand Vide de la dynamique et non proprement animique civilisation moderne.

[...]

publica-se o primeiro capítulo do livro em preparação

Fernando Pessoa, Precursor do Quinto Império

193 NA GLÓRIA DE DEUS

Morreu um Génio! Mas só o seu corpo se despedaçou, mantendo-se intacto, ou antes, purificando-se cada vez mais o seu Espírito quasi divino que por fim, de perfeição em perfeição através da Morte, acabará por se identificar inteiramente com a Essência de Deus... Glória ao Génio que assim puramente se divinizará!...

Uma Missão altíssima lhe está confiada no Além pelo Supremo Criador do Mundo, a de governar espiritualmente a Vida por entre os turbilhões de Vertigem-Sonho que sem mesmo o saber êle derramou exuberantemente na Terra.

Nos capítulos seguintes deste estudo mostro que realmente o Poeta genial que acaba de perecer em corpo, jamais em espirito, esboçou a criação duma atmosfera vertigica de Sonho Astral juntamente com Mário de Sá Carneiro que a imaginou torrencialmente pela força duma intuição poderosíssima que em Fernando Pessoa se tornou gigantesca Inteligência, duma subtilidade magistral. Não é que o grande Artista-Pensador tivesse uma consciência plena da Vertigem-Sonho cuja criação esboçou na Vida, mas o facto é que dentro dela, e sem mesmo saber que estava dentro dela, o seu pensamento subtilíssimo se debatia continuamente, acumulando metafisicas incertezas de tudo que o faziam levar para a consideração dum mistério universal quando é certo que a Incerteza não surge apenas para nós por supostamente não atingirmos a compreensão, assim misteriosa, das coisas, pertencendo antes substancialmente à Vida, à Existência Pura — tão pura, tão sublimada que é só Essência, não propriamente Substância Existente, que é só enfim espirito abstracto de Existência, vazio dela e por a exprimir excessivamente, absolutamente, derivando deste facto contraditório, estonteante, vertigico a natureza e realidade incertas, con-

fusas, emaranhadas, vertigicas da pura Existência —, e quando é certo também que a compreensão referida das coisas se pode tornar um facto, vivendo nós com a razão transcendida a natureza substancialmente, ontologicamente incerta, confusa, contraditória, labirinticamente emaranhada, estonteante, vertigica de tudo que existe, natureza real-irreal de Sonho-Fantasma em que se exprime o Absoluto através do Vácuo!

O que Fernando Pessoa esboçou na Terra, vive ou vai viver agora absolutamente no Além, e arrastado por uma Força Sobrenatural que o vitaliza enormemente na Eternidade, através duma semi-consciência de Sonho que a Morte sempre nos dá em febre delirante, o Artista cumpre a alta Missão de governar a Vida, procurando pelos meus esforços que êle cada vez mais inspira, intensificar a atmosfera labirintica de Vertigem Pura cuja criação com Mário de Sá Carneiro esboçou, para que a Vida se erga connosco progressivamente até Deus que essa Vertigem turbilhonária, convulsiva de Vácuo-Espírito substancialmente anima, sendo o próprio furor criativo do Poder Divino que não conhece limites determinadores, que se debate pois eternamente na febre, no delirio dum Indefinido Absoluto — o mesmo que Infinito —, o qual tem por essência o Vácuo-Fantasma de Sonho a que aludi, êsse Vácuo astral da Morte em que tudo é confusa Indecisão, em que tudo é realmente Divina Vertigem!...

Não há muito, quando uma doença abominável me aproximou também súbitamente da morte, eu vendo-me perdido para a vida terrestre mas sempre confiado no meu Destino Sobrenatural, pensei escrever uma carta-testamento ao Fernando Pessoa, o meu maior Amigo, a qual devia terminar por estas palavras Aparecidas no meu espirito como um relâmpago, como uma Revelação Oculta do Além e em

Fig. 18. Na Glória de Deus, primeiro capítulo do livro em preparação Fernando Pessoa, Precursor do Quinto Império (artigo publicado na Presença, 1936)

que se exprimia a minha derradeira Esperança: «Talvez Deus queira que do Astral o Profeta Henoch comande o Mundo!...»

Mas não sou eu afinal Aquêlê que profundamente tem que cumprir essa Missão altíssima através da Morte! O meu grande Amigo que me despedaçou o coração na sua Divina Subida por ela me afastar dêle enquanto eu viver, por ela me tornar agora absolutamente solitário na vida que arrasto pesadamente como forçado glorioso e maldito, êsse grande Amigo que só em espirito, só em sonho alucinatório trago continuamente presente na minha alma e na minha acção esforçada com a qual fundarei definitivamente na Terra o Reino astral da Vertigem que há de constituir o Quinto Império, duma natureza mística, espiritual, divina, êsse grande Amigo que inspira, que anima assim do Além os meus esforços sobrenaturais mas que eu sinto perdido para a minha existência terrestre de que careço para só através dela poder convulsionar vertigentemente o Mundo, erguendo-o em espasmos delirantes de Ascese e Loucura ao Furor Criativo de Deus, êsse grande Amigo que apenas na minha alma vive, deixando-me sôzinho na luta tremenda que através da Terra audaciosamente tenho que travar, é que possui o Destino maravilhoso de governar os homens só do Além, devendo eu então, excitado ocultamente por ele, realizar em absoluto o seu sonho puríssimo de Vertigem Divina por entre sórdidos suplicios que a vida terrestre, hoje feita de lama, continuamente impõe aos Grandes Realizadores, para ela profundamente odiosos, para ela abominavelmente malditos!...

Sem o meu companheiro de Infortúnio e Glória, tendo perdido Aquêlê que sempre pronto estava a defender-me com suprema elevação dos ataques vilíssimos da canalha e comprometendo até o seu alto prestígio que lhe era dado por uma força magnética poderosíssima — pois a Grandeza que possuía, sem êsse forte magnetismo pessoal só o prejudicaria de certo —, tenho com efeito que travar sôzinho uma luta estupenda durante dezóito anos amargurados que o Destino quer que eu viva ainda para cumprir absolutamente na Terra o que Deus me impõe dura e maravilhosamente entre os relâmpagos astrais da cataclísmica criação.

Agora, perdida a mocidade e enfraquecido pela doença que me devasta a carne, é que tenho forçadamente que exprimir uma suprema audácia numa luta despedaçadora. Quatro grandes Provas o meu Destino glorioso e maldito me impôs: a da *nobreza de alma* que eu dei na minha adolescência, quando mais difícil era exprimir-se visto que, adolescentes, somos quasi sempre passionais, vivendo demasiadamente dos sentidos para podermos ser superiormente nobres; a da *grandeza de carácter* a qual suporrei estáticamente na minha juventude, quando era pois maior, mais delirante a ambição do luxo e da luxúria que porém esmaqui dentro de mim para não poluir a minha vida visto que só por meios impuros a conseguiria satisfazer, não estando outros ao meu alcance por incapacidade, então absoluta, no domínio das coisas práticas, terrenas, a qual me trouxe a fome e a miséria, sofridas com ascé-

tica resignação; a prova da *fôrça de espirito*, a mais estupenda de tôdas e que dei tumultuariamente numa ocasião difficilissima em que me julgava esgotado pela dor que constantemente a vida me oferecia e que se multiplicou intensamente depois, durante êsse periodo terrível de abominação e grand'za que eu canto em versos dilacerantes na primeira parte do meu poema apocalítico, em preparação, *Dieu-Satan*, intitulada *Le Prophète Sacré De la Mort-Dieu*, e também nos onze poemas psálmicos que constituem a obra *Martyr De l'Occulte*, assim como nalgumas passagens do meu poema sagrado e maldito que eu intitulo *Messe Noire*, dedicado a Gilles de Rais cujo espirito tenebroso e santo eu faço surgir numa *Invocação* que precede esta obra, da série *Le Dernier Testament* a que as outras também pertencem; enfim, a prova da *vitalidade* e da *audácia* que começo a dar muito em breve, quando a velhice e a doença a deviam contrariar em absoluto por ela exigir uma energia de alma que só na mocidade se pode ter mas que eu manterei intacta através de tudo! Nas piores, nas mais difíceis situações é que as minhas Provas deviam ser dadas para mostrarem bem ao mundo a minha fôrça sobrenatural, que outra não poderia triunfar gloriosamente no martirio estupendo que como eleito de Deus eu tinha e terei ainda que suportar.

Através dessas horribéis provações, cada uma das quais tem durado doze anos — *doze*, o número do *sacrifício*, segundo o *tarot* e portanto a *kabala* —, e nos seus curtos intervalos de dois anos — *dois*, o número fantásmico e místico da *separação* ou *divisão* — eu tenho manifestado uma intensidade de vida interior e exterior verdadeiramente formidável e portanto rio-me daqueles artistas intellectuais que dizendo-se exaltadamente modernistas, sem saberem porém o que é, no fundo, Viver, substância de todo o modernismo, me acusam de falta de vida. Já porque tenho os meus olhos constantemente voltados para a Morte! É para Ela com efeito que eu vivo, *intensamente, fêrricamente*, mas porque a Morte, quando divina, é intensificação pura, abstracta, espiritual da Vida, tornada Sonho torrencial em Vertigem Criadora, porque a Morte enfim, galgando por sobre o tempo, é o espasmo eterno de Luxúria astral com que Deus continuamente cria, num arranco soberbo que jamais perece, a Existência, o Ser que a Sua Grandeza Incomensurável procura com ânsia feroz! O Vácuo da Morte provém do seu purismo *vaziamente* abstraccionizador de Vida, é o reflexo do excesso de Vertigem que como Loucura Espiritual — Vida intensíssima, absoluta — se debate, eternamente aniquilando para eternamente criar de novo o Ser que traz em si própria, com fúria espasmódica, cataclísmica, divina!...

É de dessa Vertigem torrencialmente destrutiva e criadora de Deus que Fernando Pessoa cada vez mais se aproxima através duma morte cada vez mais pura, e é essa Vertigem que êle Quer lançar absolutamente na vida através da minha acção prodigiosa que do Além inspira e anima num labirintário de Sonho impetuoso e bravo... Glória ao Génio que no Nosso Ser Quer arrebatar o Mundo para a Vertigem de Deus!...

RAUL LEAL (HENOCH)

5

Fig. 19. Na Glória de Deus, primeiro capítulo do livro em preparação Fernando Pessoa, Precursor do Quinto Império (artigo publicado na *Presença*, 1936) [Continuação]

Publica-se o primeiro capítulo do livro em preparação
Fernando Pessoa, precursor do Quinto Império

Na Glória de Deus

Morreu um Génio! Mas só o seu corpo se despedaçou, mantendo-se intacto, ou antes, purificando-se cada vez mais o seu Espírito quási divino que, por fim, de perfeição em perfeição através da Morte, acabará por se identificar inteiramente com a Essência de Deus... Glória ao Génio que assim puramente se divinizará!...

Uma Missão altíssima lhe está confiada no Além pelo Supremo Criador do Mundo, a de governar espiritualmente a Vida por entre os turbilhões de Vertigem-Sonho que sem mesmo o saber êle derramou exuberantemente na Terra.

Nos capítulos seguintes dêste estudo mostro que realmente o Poeta genial que acaba de perecer em corpo, jamais em espírito, esboçou a criação duma atmosfera vertigica de Sonho Astral juntamente com Mário de Sá Carneiro que a imaginou torrencialmente pela fôrça duma intuição poderosíssima que em Fernando Pessoa se tornou gigantesca Inteligência duma subtilidade magistral. Não é que o grande Artista-Pensador tivesse uma consciência plena da Vertigem-Sonho cuja criação esboçou na Vida, mas o facto é que, dentro dela, e *sem mesmo saber que estava dentro dela*, o seu pensamento subtilíssimo se debatia continuamente, acumulando metafísicas incertezas de tudo que o faziam levar para a consideração dum mistério universal quando é certo que a Incerteza não surge apenas *para nós* por supostamente não atingirmos a compreensão, assim misteriosa, das coisas, pertencendo antes *substancialmente* à Vida, à Existência Pura – tão pura, tão sublimada que é só Essência não propriamente Substância Existente, que é só enfim espírito abstracto de Existência, *vazio* dela e por a exprimir excessivamente, *absolutamente*, derivando dêste facto contraditório, estonteante, *vertigico* a natureza e realidade incertas, confusas, emmaranhadas [sic], *vertigicas* da pura Existência –, e quando é certo também que a compreensão referida das coisas se pode tornar um facto, vivendo nós com a razão transcendida a natureza *substancialmente, ontològicamente* incerta, confusa, contraditória, labirinticamente emmaranhada, estonteante, *vertigica* de tudo que existe, natureza real-irreal de Sonho-Fantasma em que se exprime o Absoluto através do Vácuo!

O que Fernando Pessoa esboçou na Terra, vive ou vai viver agora absolutamente no Além, e arrastado por uma Fôrça Sobrenatural que o vitaliza enormemente na Eternidade, através duma semi-consciência de Sonho que a Morte sempre nos dá em febre delirante, o Artista cumpre a alta Missão de governar a Vida, procurando pelos meus esforços que ele cada vez mais inspira, intensificar a atmosfera labirintica de Vertigem Pura cuja criação com Mário de Sá Carneiro

esboçou, para que a Vida se erga connosco progressivamente até Deus que essa Vertigem turbilhonária, convulsiva de Vácuo-Espírito substancialmente anima, sendo o próprio furor criativo do Poder Divino que não conhece limites determinadores, que se debate pois eternamente na febre, no delírio Indefinido Absoluto – o mesmo que Infinito –, o qual tem por essência o Vácuo-Fantasma de Sonho a que aludi, êsse Vácuo astral da Morte em que tudo é confusa Indecisão, em que tudo é realmente Divina Vertigem!...

Não há muito, quando uma doença abominável me aproximou também subitamente da morte, eu vendo-me perdido para a vida terrestre mas sempre confiado no meu Destino Sobrenatural, pensei escrever uma carta-testamento ao Fernando Pessoa, o meu maior Amigo, a qual devia terminar por estas palavras Aparecidas no meu espírito como um relâmpago, como uma Revelação Oculta do Além e em que se exprimia a minha derradeira Esperança: “Talvez Deus queira que do Astral o Profeta Henoch comande o Mundo!...”

Mas não sou eu afinal Aquêle que profundamente tem que cumprir essa Missão altíssima através da Morte! O meu grande Amigo que me despedaçou o coração na sua Divina Subida por ela me afastar dêle enquanto eu viver, por ela me tornar agora absolutamente solitário na vida que arrasto pesadamente como forçado glorioso e maldito, êsse grande Amigo que só em espírito, só em sonho alucinatorio trago continuamente presente na minha alma e na minha acção esforçada com a qual fundarei definitivamente na Terra o Reino astral da Vertigem que há de constituir o Quinto Império, duma natureza mística, espiritual, divina, êsse grande Amigo que inspira, que anima assim do Além os meus esforços sobrenaturais mas que eu sinto perdido para a minha existência terrestre de que careço para só através dela poder convulsionar vertigicamente o Mundo, erguendo-o em espasmos delirantes de Ascese e Loucura ao Furor Criativo de Deus, êsse grande Amigo que apenas na minha alma vive deixando-me sòsinho na luta tremenda que através da Terra audaciosamente tenho que travar, é que possui o Destino maravilhoso de governar os homens só do Além, devendo eu então, excitado ocultamente por ele, realizar em absoluto o seu sonho puríssimo de Vertigem Divina por entre sórdidos suplícios que a vida terrestre, hoje feita de lama, continuamente impõe aos Grandes Realizadores, para ela profundamente odiosos, para ela abominavelmente malditos!...

Sem o meu companheiro de Infortúnio e Glória, tendo perdido Aquêle que sempre pronto estava a defender-me com suprema elevação dos ataques vilíssimos da canalha e comprometendo até o seu alto prestígio que lhe era dado por uma fôrça magnética poderosíssima – pois a Grandeza que possuía, sem êsse forte magnetismo pessoal só o prejudicaria decerto –, tenho com efeito que travar sòsinho uma luta estupenda durante dezóito anos amargurados que o Destino quer que eu viva ainda para cumprir absolutamente na Terra o que Deus me

impõe dura e maravilhosamente entre os relâmpagos astrais da cataclísmica criação.

Agora, perdida a mocidade e enfraquecido pela doença que me devasta a carne, é que tenho forçadamente que exprimir uma suprema audácia numa luta despedaçadora. Quatro grandes Provas o meu Destino glorioso e maldito me impôs: a da *nobreza de alma* que eu dei na minha adolescência, quando mais difícil era exprimir-se visto que, adolescentes, somos quási sempre passionais, vivendo demasiadamente dos sentidos para podermos ser superiormente nobres; a da *grandeza de carácter* a qual suportei estáticamente na minha juventude, quando era pois maior, mais delirante a ambição do luxo e da luxúria que porém esmaguei dentro de mim para não poluir a minha vida visto que só por meios impuros a conseguiria satisfazer, não estando outros ao meu alcance por incapacidade, então absoluta, no domínio das coisas práticas, terrenas, a qual me trouxe a fome e a miséria, sofridas com ascética resignação; a prova da *fôrça de espírito*, a mais estupenda de todas e que dei tumultuariamente numa ocasião difícilíssima em que me julgava esgotado pela dor que constantemente a vida me oferecia e que se multiplicou intensamente depois, durante esse período terrível de abominação e grandeza que eu canto em versos dilacerantes na primeira parte do meu poema apocalíptico, em preparação, *Dieu-Satan*, intitulada *Le Prophète Sacré de la Mort-Dieu*, e também nos onze poemas psálmicos que constituem a obra *Martyr de l'Occulte*, assim como nalgumas passagens do meu poema sagrado e maldito que eu intitulo *Messe Noire*, dedicado a Gilles de Rais cujo espírito tenebroso e santo eu faço surgir numa *Invocação* que precede esta obra, da série *Le Dernier Testament* a que as outras também pertencem; enfim, a prova da *vitalidade* e da *audácia* que começo a dar muito em breve, quando a velhice e a doença a deviam contrariar em absoluto por ela exigir uma energia de alma que só na mocidade se pode ter mas que eu mantereí intacta através de tudo! Nas piores, nas mais difíceis situações é que as minhas Provas deviam ser dadas para mostrarem bem ao mundo a minha fôrça sobrenatural, que outra não poderia triunfar gloriosamente no martírio estupendo que como eleito de Deus eu tinha e terei ainda que suportar.

Através dessas horríveis provações, cada uma das quais tem durado doze anos – *doze*, o número do *sacrifício*, segundo o *tarot* e portanto a *kabala* –, e nos seus curtos intervalos de dois anos – *dois*, o número fantásmico e místico da *separação* ou *divisão* – eu tenho manifestado uma intensidade de vida interior e exterior verdadeiramente formidável e portanto rio-me daquêles artistas e intelectuais que dizendo-se exaltadamente modernistas, sem saberem porém o que é, no fundo, Viver, substância de todo o modernismo, me acusam de falta de vida já porque tenho os meus olhos constantemente voltados para a Morte!

É para Ela com efeito que eu vivo, *intensamente*, *feèricamente*, mas porque a Morte, quando divina, é intensificação pura, abstracta, espiritual da Vida, tornada Sonho torrencial em Vertigem Criadora, porque a Morte enfim, galgando por sôbre

o tempo, é o espasmo eterno de Luxúria astral com que Deus continuamente cria, num arranco soberbo que jamais perece, a Existência, o Ser que a Sua Grandeza Incomensurável procura com ânsia feroz! O Vácuo da Morte provém do seu purismo *vaziamente* abstraccionizador de Vida, é o reflexo do excesso de Vertigem que como Loucura Espiritual – Vida intensíssima, absoluta – se debate, eternamente aniquilando para eternamente criar de novo o Ser que traz em si própria com fúria espasmódica, cataclísmica, divina!...

E é dessa Vertigem torrencialmente destrutiva e criadora de Deus que Fernando Pessoa cada vez mais pura, e é essa Vertigem que ele Quer lançar absolutamente na vida através da minha acção prodigiosa que do Além inspira e anima num labirintizar de Sonho impetuoso e bravio... Glória ao Génio que no Nosso Ser Quer arrebatat o Mundo para a Vertigem de Deus!...

Raul Leal
(Henoeh)

30/10 87-40

Opheo do Vigor em Amos

1.
2.
3.
4. - Anjo de Lúcia,
(in pnia)
5. L'Homme aux Faveis Noirs -
Raul Leal.



Fig. 20. BNP/E3, 87-40.

Bibliografia

- LEAL, Raul (1936). “Na glória de Deus”, primeiro capítulo do livro em preparação ‘Fernando Pessoa, precursor do Quinto Império’, in *Presença*, n.º 48, Coimbra, Julho, pp. 4-5.
- ____ (1928). “Mario Eloy, le grand évocateur d’incubes”, in *Presença*, n.º 16, Coimbra, Novembro, p. 6.
- ____ (1924). *Sodoma Divinisada*. Lisboa: Olisipo.
- ____ (1920). *L’Antéchrist et La Gloire du Saint-Esprit*. Lisboa e Rio de Janeiro: Portugália.
- ____ (1913). *A Liberdade Transcendente*. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira. Coleção “Psicologia Experimental”, n.º 3.
- ____ (1909). *Estudos de critica psicologica – I. A “Apassionáta de Beethoven e Viãna da Móta*. A propósito da audição da “Apassionáta” no Teátro-Circo Principe Reál de Coimbra, em 7 de Junho de 1909. Coimbra.
- GOMES, Pinharanda (1965). “Um d’Orpheu – Raul Leal”, in *Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris*, n.º 34, Lisboa. [Revisto, foi incluído em *Filologia e Filosofia*, pp. 23-45. Inclui bibliografia activa de Raul Leal].
- ____ (1964). “O Incompreendido – por ocasião da morte de Raul Leal”, in *Espiral*, n.º 3, Lisboa: Outono, pp. 59-64 [Incluído em *Filologia e Filosofia*, pp. 47-56].
- JÚDICE, Nuno (1986). *A Era do “Orpheu”*. Lisboa: Teorema. Coleção “Terra Nostra”.
- PESSOA, Fernando (2012). *Prosa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e António Cardiello; colaboração de Jorge Uribe. Lisboa: Ática. Coleção “Obras de Fernando Pessoa”, Nova Série, coordenadas por Jerónimo Pizarro.
- ____ (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. X. Coleção coordenada por Ivo Castro.